

## Lutando caratê com fantasmas

Rozelene Furtado de Lima  
Teresópolis / RJ

Final de semana. Camila chegou cansadíssima depois de um dia de calor intenso e no escritório o trabalho foi cheio de dificuldades. Apressada em arrumar-se para ir viajar com a turma, iriam curtir a praia, colocou na mochila o mínimo necessário para três dias. Pegou primeiro as havaianas. Parecia uma sina – sempre esquecia os chinelos em casa. Ela teria que estar na portaria dentro de trinta minutos, Thiago viria buscá-la. Só faltava tomar uma chuveirada para refrescar. De repente, a porta do banheiro bateu e a luz apagou... Camila, tateando, enrolou-se na toalha e saiu do banho. Aproximou-se da janela, puxou as cortinas, ficou surpresa ao ver que a janela estava aberta. Aquela parte da cidade estava totalmente às escuras. Um vento forte fez com ela se afastasse do peitoril. Sentiu alguma coisa roçando nos seus ombros. Um filete arrepiante percorreu a espinha e aparafusou o umbigo. Ela era uma pessoa corajosa, não tinha medo de nada. Nadinha mesmo! Com os braços esticados e passando as mãos em tudo para achar a mochila, tinha deixado as roupas que usaria junto com a mochila. A porta banheiro bateu novamente. Encontrou a mochila, pegou o celular que podia ser usado como lanterna. Vestiu-se. Não daria tempo de calçar os tênis, logicamente tirou os chinelos que já estavam na bagagem. Foi fechar as janelas, nesse ínterim, o celular tocou. Atendendo o celular puxou a janela, o aparelho caiu do décimo terceiro andar. Pensou: vou sair daqui, e já! De mochilas às costas, abriu a porta. O corredor estava um breu. Descer treze andares no escuro. Desistiu. Voltou. A porta do apartamento estava encostada. Lembrou-se de que fechou a porta, como sempre fazia. Deve ter esquecido, pensou assim para acalmar-se. Entrou. Silêncio total. Só ouvia-se a voz do vento sibilando. Conseguiu chegar até o sofá, quando foi sentar-se... Havia alguém deitado. Ela colocou a mão em pés gelados. Quis gritar, mas a voz não saía, golpe indefensável na garganta. Ao mesmo tempo, entrou mais alguém no apartamento. Quem ficou gelada agora, foi ela. Encostou-se à parede, sentiu um corpo quente passando pertinho, desviou-se em tempo.

Camila sempre foi muito decidida, peituda, faixa preta no Caratê, onze anos de treinamento, participou de campeonatos internacionais. Um quadro apinhado de medalhas. Cadê a coragem? A coragem desapareceu como fumaça na escuridão. Resolveu enfrentar as escadas. E a mochila onde estava? Foi devagar até a porta de saída. Quando girou a maçaneta, alguém falou: - Onde pensa que vai? Aquela voz grossa e arrastada fez tremer as pernas de Camila. Que golpe forte na boca do estômago!...

Naquele momento veio à lembrança da jovem, uma cena de um filme, onde a situação era mais ou menos a mesma e na história a voz era do outro mundo.

Ela segurou o choro, se a atacassem ela poderia se defender, mas nunca tinha lutado com fantasmas. Tirou os chinelos para não fazer barulho e foi tentar a saída de serviço, tropeçou numa cadeira, algo caiu aos seus pés, era a mochila. Ufa, que sorte! Pegou na alça, saiu correndo, puxou e fechou a porta. Encontrou a saída pela escada e começou a descer encostada no corrimão. Logo embaixo avistou num cantinho da escada uma vela solitária acesa. Ela perdeu naquele momento crucial, o restinho de coragem que ainda carregava. Só tinha descido três andares. Um golpe desses merece expulsão. Fez o caminho de volta perseguida pelos maus pensamentos. Saiu no corredor no momento em que a luz voltou. Apertou o botão do elevador. Chegou à portaria. Thiago estava lá.

Desabou em prantos. Ela abraçou-o chorando.

- Por que você não atendeu o celular? Liguei tantas vezes.

- O celular caiu da janela, respondeu Camila. Ladrões invadiram meu apartamento.

- O quê? Vamos lá.

- Não! Vamos chamar a polícia, Thiago.

Depois de algum tempo, os dois subiram com cinco homens fortemente armados e outros cinco ficaram na portaria.

Quando chegaram ao décimo terceiro andar, um casal de idosos visivelmente nervosos, esperava o elevador. Assim que viram os policiais o velhinho falou trêmulo: - Entrou ladrões no nosso apartamento, levaram a minha bolsa com todo o nosso dinheiro, jóias, documentos e ainda deixaram uma mochila e um par de chinelos. Ao que a velhinha acrescentou: - devem ser pessoas que já trabalharam aqui e conhecem muito bem o prédio, porque fugiram correndo no escuro, um escapou pela porta da frente e o outro pela porta de serviço. Devem ter assaltado mais apartamentos.

- Meu pai dizia que todo gatuno tem proteção especial nas sextas-feiras treze, completou o idoso.